



NO BODY
NO CRIME

UM CONTO EVERMORE

YAS KETTERMANN



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



NO BODY **NO CRIME**

Copyright © 2021 Yasmim Coutinho

NO BODY, NO CRIME

Um conto Evermore

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meios eletrônicos ou mecânicos sem o consentimento escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela Lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Os personagens e eventos retratados nesse livro são inspirados na música No Body, No Crime da cantora e compositora norte-americana Taylor Swift.

Capa: Laís Aranda

Revisão: Carolina Vitorino

Diagramação: Cora Menestrelli



PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO EXTRA

AGRADECIMENTOS

Letra de No Body, No Crime

À eu mesma. Talvez agora eu finalmente entenda e perceba que sou capaz de fazer e ser qualquer coisa, porque eu sou.

“Um conto que se torna folclore é passado adiante e sussurrado pelos cantos. Às vezes até mesmo cantam sobre ele. As linhas entre fantasia e realidade se atenuam e os limites entre verdade e ficção se tornam praticamente indiscerníveis. (...)

Eu contei essas histórias com o melhor da minha habilidade e com todo amor, admiração e capricho que elas merecem.

Agora cabe a vocês passarem ela à diante.”

— Taylor Swift, prólogo do álbum *Folklore*

prólogo

He did it.



Pela quinta vez nesta noite, olho para o relógio nas paredes marrons desbotadas do Olive Garden.

Tic, tac, tic, tac.

Este está atrasada. Quinze minutos, para ser mais específica. O atraso não colabora para o meu nervosismo, que percebo estar óbvio ao vislumbrar meu pé direito batendo no chão em uma sinfonia imparável. Durante o almoço Este me enviou uma mensagem dizendo que tinha algo deveras importante para me contar e precisava ser essa noite. Como a boa ansiosa que sou passei o dia inteiro cogitando qual seria o assunto a ser tratado e por que é tão urgente. Não consegui pensar em absolutamente nada.

O meu coração acelera um pouco mais quando avisto a silhueta magra e alta de Este entrar pela porta do restaurante. Ela sorri para o garçom que a atende e mexe no cabelo loiro enquanto olha ao redor esperando me encontrar. Quando seus olhos castanhos se fixam em mim ela indica com a cabeça a minha mesa para o garçom, que a deixa passar. Este fecha as feições enquanto vem em minha direção. O que também me deixa nervosa.

— Oi, desculpa o atraso. O trânsito estava terrível. —
ela dá um riso anasalado enquanto tira a bolsa e o

sobretudo vermelho, pendurando ambos na cadeira.

— Sem problemas, Este. — Sorrio sem muita emoção — Sem querer ser rude, mas podemos ir direto ao ponto? Eu estou realmente nervosa pra saber o que você tem a dizer. Passei as últimas horas pensando em todas as coisas que já fiz na minha vida. — Faço um biquinho na tentativa de deixar o ambiente menos tenso. Minha amiga senta na cadeira em frente a mim e ri.

— Claro que podemos, preciso botar isso para fora logo. De qualquer forma, não tem nada a ver com você, amiga, relaxa. — Ela dá de ombros e suspira pesadamente. Eu a espero continuar. — Bom, eu tenho a impressão que meu marido está me traindo. — A loira fecha os olhos enquanto espera minha resposta.

Solto um suspiro de alívio por, finalmente, saber o tema da conversa. Porém, não fico exatamente surpresa com a declaração.

— O que faz você pensar nisso?

Ela abre os olhos e senta com a postura ereta, se aproximando mais de mim.

— É mais uma sensação, sabe? Ele vem agindo de maneira estranha, diferente. Chega tarde da noite, sempre afirmando que teve algum imprevisto de trabalho ou uma reunião. — Ela sorri tristemente e revira os olhos. — Meu primeiro instinto foi acreditar. E eu acreditei. Tentei pensar que eu estava paranoica. Mas, ontem, quando ele chegou, tinha uma mancha de um batom merlot na boca dele. Eu não tenho nenhum batom dessa cor. Quando eu questioneei o que era aquilo, ele falou que era resquício do vinho merlot que ele tinha tomado.

— E você tem certeza que não era vinho?

Este revira os olhos e me olha incrédula.

— Amiga, eu não sou idiota. Eu sei diferenciar uma mancha de vinho de uma mancha de batom. — Ela acena pro garçom e pede um vinho tinto. O nosso favorito. Apoio o cotovelo na mesa e o meu rosto na mão. — E tem mais.

Hoje à tarde, eu vi o extrato da nossa conta conjunta. Ele passou as últimas semanas comprando joias com frequência. Ele não me deu nenhuma. — Acrescenta semicerrando os olhos e balançando a cabeça em negativa.

— Uau. — Declaro surpresa e pisco. — Tudo bem, você tem uma boa teoria. Vamos supor que ela esteja correta. O que você pretende fazer?

Ela faz uma expressão de quem está planejando algo maquiavélico. Antes que ela possa revelar o pensamento, o garçom chega com nosso vinho, enchendo duas taças logo após.

Quando o moço se retira, minha amiga inclina ainda mais a cabeça em minha direção, se apoiando na mesa.

— Não tenho dúvidas que ele realmente está fazendo isso. Eu quero expô-lo. Eu só preciso descobrir como provar. Você sabe o ditado: sem corpo, sem crime. Preciso de provas antes de acusá-lo.

Concordo com a cabeça enquanto tomo um longo gole do meu vinho. Este continua:

— Não. Sem corpo, sem crime. — Ela encosta suas costas na cadeira e leva sua taça até a boca, tomando um gole do líquido e lambendo os lábios logo em seguida. — Mas uma coisa é certa: *eu não vou desistir até o dia em que eu morrer.*

capítulo **um**

No body, no crime.

“O caso do desaparecimento de Este Amih continua em aberto. Dois meses atrás o marido de Este prestou uma denúncia afirmando que não via sua mulher há dias e que ela havia desaparecido sem deixar rastros. No entanto, a polícia ainda não conseguiu identificar o que realmente aconteceu nem onde Este pode estar.”

Ouçõ a mulher do noticiário do almoço falar. Pego o controle e desligo a tv, suspirando forte e me contendo para não gritar.

Este. Não a vejo desde aquela noite, em que nos encontramos no restaurante, quando me contou sua teoria - muito convincente para falar a verdade - de que seu marido a traía.

Na terça-feira seguinte, ela não estava no Olive Garden, onde deveria estar, porque é lá que nos encontrávamos toda terça para tomar vinho e conversar. No outro dia, fui até seu local de trabalho, Este também não estava lá e o segurança do local me informou que ela não aparecia para trabalhar já havia quase uma semana. Quando entrei no carro, liguei o rádio e senti o mundo girar.

O radialista comunicou que Este Amih, 34 anos, estava desaparecida e que seu marido tinha feito a denúncia alegando que não a via desde o dia seguinte ao meu encontro com ela.

Minha primeira reação naquele momento foi ligar para ela, afinal, eu tinha esperança que fosse atender. Mas é claro que isso não aconteceu. Desse modo, eu fui até a casa dela. Estacionei meu carro e fiquei sentada dentro dele, esperando. Eu não sabia exatamente o que eu esperava, talvez um sinal.

No final, a minha ida até a casa de Este naquele dia só serviu para constatar três coisas.

Primeiro: o carro de seu marido estava com pneus novos, o que significava que ele havia trocado recentemente.

Segundo: a amante dele tinha se mudado para a casa de Este. Ou seja, eles estavam *morando juntos* e não havia nem dez dias que Este estava desaparecida.

Essas duas constatações me levaram à terceira: o responsável pelo desaparecimento de Este era seu próprio marido.

Pense: que tipo de marido fiel e amoroso levaria sua amante para morar com ele dias depois de sua mulher desaparecer? Nenhum. Somente um marido criminoso. Um marido infiel. Um marido responsável pelo desaparecimento de sua esposa.

O problema é que seja lá o que ele tenha feito com ela, foi feito com cuidado, porque cá estou eu e a polícia, dois meses depois, sem saber o que aconteceu com Este. Nenhum rastro foi achado. Nenhum indício de crime. Mal foi plausível montar uma linha do tempo. Não foi possível saber se ela estava viva ou morta. Afinal: sem corpo, sem crime.

É claro que depois de 60 dias sem nenhum sinal da desaparecida, os oficiais começaram a ter a certeza de que ela foi morta por alguém que conseguiu fazer tudo perfeitamente, sem deixar vestígios. No fim das contas, nenhuma pessoa viva conseguiria desaparecer por tanto tempo sem levantar nenhuma suspeita, conseguiria?

O plano do criminoso, também conhecido como o marido de Este, seria perfeito se a própria não tivesse

deixado um único rastro, um bem importante que nenhuma autoridade conseguiu achar. Como eu sei que Este deixou um rastro?

Simples, esse rastro *sou eu*.

É óbvio que quem cometeu o crime não estava contando que Este iria falar suas suspeitas para uma amiga.

Depois de pensar muito essa foi a conclusão que cheguei: Este sabia que seu marido a traía, então, quando obteve a certeza, a partir do merlot e do extrato do banco, decidi me contar, porque no momento em que ela decidisse fazer algo sobre isso, como confrontá-lo, ela estaria correndo um risco, não estaria?

Em uma cidade pequena como a nossa, os acontecimentos voam rapidamente de pessoa em pessoa, até que todos os habitantes saibam da fofoca - ou melhor, até que todos os habitantes *pareçam* que sabem de alguma coisa. Já ouvi cochichos por aí de pessoas que acreditam fielmente que o marido traidor assassinou a esposa. Também já ouvi histórias que contam que o marido tinha duas amantes. Outras pessoas tornam essa teoria ainda mais bizarra dizendo que uma das amantes era a irmã de Este, Danielle.

Nesses últimos dois meses tenho conversado bastante com ela. Após a morte da irmã e o começo desses boatos, Danielle apareceu na minha casa perguntando se eu tinha alguma ideia do que poderia ter acontecido com Este. É claro que eu tinha sim algo em mente, então contei para ela tudo o que Este tinha me contado no nosso último encontro. A irmã também cogitou que o marido estava envolvido nessa história.

No entanto, eu *não tenho dúvidas* que ele é o responsável pelo fatídico destino de Este, e alguém precisa pegá-lo. Eu sei que foi ele, mas eu não posso provar. É o famoso ditado de sempre: *sem corpo, sem crime*. Sem crime, sem acusações e, conseqüentemente, sem cadeia para o culpado.

Mas, como Este diria: *eu não vou desistir até o dia em que eu morrer.*

capítulo dois

I wasn't lettin' up until the day he died.

De dentro do meu carro, em frente à casa de Este, observo a amante sair de seu novo lar e trancar a porta. Em seguida, ela coloca a chave em um dos vários vasos de plantas que enfeitam a entrada da casa, esta que é de madeira branca e cinza e possui apenas um andar.

Respiro fundo e mais uma vez confiro meu relógio de pulso. São sete horas da noite. Falta pouco mais de 30 minutos para que o viúvo de Este chegue do trabalho.

Quando direciono meu olhar de volta à amante ela está dando partida no carro vermelho que está estacionado em frente à garagem. Ao ver o carro se distanciando junto com ela percebo que é a minha hora de agir.

Antes de realizar qualquer ação, olho ao redor. O lugar está completamente vazio, há apenas a casa de Este e mato. *Mato, mato e mato.* Então ligo meu carro e o estaciono ele na parte de trás da casa para que ninguém o veja. Pego minha bolsa de viagem que possui dentro tudo o que vou precisar e saio da minha SUV preta, indo em direção à entrada da frente.

Subo os degraus que me levam até a porta e começo a inspecionar. Inspecciono todos os vasos até achar a chave que a moça escondeu ali. Quando a acho, pego-a na mão e coloco-a na fechadura. *Click.*

Forço a maçaneta e a porta da casa está liberada para que qualquer um entre. *Moleza*, penso. Antes de entrar devolvo a chave ao lugar que ela estava antes. Logo, entro na casa e fecho a porta.

Escuridão é tudo o que eu vejo. Levo a minha mão direita ao bolso do meu moletom preto, pego a lanterna e acendo-a. Espero uns segundos até meus olhos se acostumarem com a claridade e olho rapidamente o cômodo. Percebo de cara que é a sala de estar ao vislumbrar uma TV de plasma, dois sofás de couro brancos e uma mesinha de centro. Olho ao redor até achar a porta que leva ao corredor. Vou até lá, e observo o longo passadiço escuro à minha frente. Ele é vazio, com exceção dos porta-retratos pendurados na parede, aproveito e me aproximo de um deles. É uma foto de Este e seu marido. Ambos estão abraçados e sorrindo largo em frente à Torre Eiffel, quase era possível apalpar o amor presente nessa fotografia. Suspiro e balanço a cabeça em negativa antes de continuar meu percurso até o quarto do casal.

Ao chegar no cômodo abro a porta e inspeciono o quarto. A primeira coisa que vejo é a cama de casal que está arrumada perfeitamente e aos dois lados da cama há cabeceiras. Do lado esquerdo há mais uma fotografia de casal, mas, dessa vez, não é Este e seu marido: é o viúvo e a amante. É uma selfie em que ele está dando um beijo na bochecha dela enquanto a mesma sorri brilhantemente com seus cabelos ruivos sedosos. Mais uma vez preciso respirar fundo para não gritar.

Após encarar a foto, vejo o horário. Falta menos de cinco minutos para o viúvo chegar. Penso qual seria meu próximo passo: esconder-me no armário ao lado direito da cama? Ou simplesmente sento nesta última e espero? Decido pela última opção.

Sento na ponta da cama de frente para a porta do quarto - que está fechada -, largo a minha bolsa do meu lado e ajesto minhas luvas, retirando calmamente o revólver

de um dos bolsos. Confiro o compartimento de balas e vejo que há *duas*, mas será necessário apenas uma. Puxo o ar profundamente pelas narinas e solto devagar com a intenção de me acalmar. Tento segurar a arma firmemente com as minhas mãos trêmulas.

Por um momento eu reconsidero. Reconsidero de verdade, mas eu sei o que tenho que fazer. Ele deve morrer. Ele deve morrer hoje.

Meus pensamentos são interrompidos quando ouço o barulho de um carro sendo estacionado. Sei que é ele. Eu simplesmente sei. Sinto meu coração palpitar como se eu estivesse prestes a assassinar alguém, talvez porque eu realmente esteja prestes a fazer isso.

Ouçó o barulho da porta da frente sendo fechada e questiono-me se o viúvo estranhou a porta não estar trancada. Talvez sim, talvez não. Quem nunca esqueceu de trancar a porta de casa pelo menos uma vez na vida?

Agora, eu ouço passos. Passos que estão cada vez mais altos. Passos que estão cada vez mais perto. Presumo que ele já esteja no corredor, prestes a entrar pela porta à minha frente. Me certifico que o meu capuz não está na minha cabeça e ajeito a arma na mão, em seguida, estico meus braços e aponto a arma em direção a porta. *Em direção a ele.*

Então vislumbro a porta sendo aberta. *Um, dois, três segundos.* Ele entra enquanto desamarra a gravata pendurada no pescoço, mas dá de cara comigo, percebendo no mesmo momento que não está sozinho em casa. O ex-marido de Este arregala os olhos e percebo que a cada segundo que passa, com mais dificuldade ele respira. Ele começa:

— Você! — olha diretamente nos meus olhos e depois para o revólver e para mim de novo. Vejo que trava a mandíbula, mostrando que está furioso. E com medo. Afinal, quem está armado aqui sou eu. — O que você pensa que está fazendo? — Pergunta em um fio de voz, chegando mais

perto de mim. Antes que ele possa falar mais alguma coisa eu aponto a arma em direção ao seu coração. Ao invés de responder sua pergunta, sorrio. Sorrio largamente e maliciosamente, e aperto o gatilho. A bala perfura seu peito e ele cai no chão instantaneamente.

Vou em sua direção e agacho, olhando diretamente para o seu rosto. Ele leva a mão ao peito, onde está o buraco da bala e percebo que tenta falar algo, mas só sai sangue no lugar de voz. Mordo o lábio e sorrio mais uma vez. Chego perto do seu ouvido e respondo, em voz baixa:

— Vingança. — Rio, enquanto aponto a arma para ele novamente, dessa vez em direção a sua cabeça.

Puxo o gatilho mais uma vez.

capítulo três

*Good thing my daddy made me get a boating
license when I was fifteen
and I've cleaned enough houses to know how to
cover up a scene.*

Após o segundo tiro vejo sangue escorrendo das duas perfurações e o corpo do viúvo parando de se mexer lentamente. Aos poucos sua barriga para de se movimentar e percebo que ele está morto. *Morto.*

Tento desviar meu pensamento do que acabou de acontecer e respiro fundo para me concentrar nos próximos passos do plano. Estico-me em cima do corpo para procurar

as duas balas que mataram o viúvo. Acho as duas em baixo dele, pego-as e enfio no meu bolso.

Logo depois, levanto da minha posição e retiro de dentro da minha bolsa em cima da cama um lençol, o qual estendo no chão e puxo o cadáver do ex-marido de Este, colocando-o em cima do pano. Arrasto-o pelo corredor até chegar na porta dos fundos da casa, onde meu carro está estacionado. Levo o morto até o chão em frente ao portamalas da minha SUV que já está coberto com outro lençol.

Puxo todo ar dos meus pulmões enquanto reúno todas as forças existentes no meu corpo para levantar os restos mortais do defunto até o bagageiro. Quando consigo colocá-lo dentro, solto o ar que prendi e fecho o carro, e depois vou andando com cuidado até a cena do crime, conferindo, a cada passo, se deixei algum rastro.

Ao chegar no quarto do casal, agora uma cena de crime, torço o nariz ao sentir o mau odor de sangue que entra com tudo pelas minhas narinas. Olho ao redor e anoto mentalmente onde possui sangue: na porta e na parede há alguns respingos mas é no chão em frente a elas que está uma mancha corpulenta.

Vou até a minha bolsa e retiro o que vou precisar para a limpeza da cena: o cloro e a esponja. Em seguida, direciono-me até o cômodo de limpeza da casa, esperando encontrar o mop que vi Este usando para limpar a cozinha em uma das minhas visitas. Agradeço aos céus quando o acho. Assim, volto ao local do crime e começo o trabalho.

Primeiro, levo o balde do mop até o banheiro do casal para enchê-lo de água com o intuito de molhar todas as manchas e respingos de sangue. Após esfregar com a esponja cada um desses lugares até ficarem novinhos, espirro o cloro neles para eliminar qualquer resquício de DNA. Finalizo secando com o mop.

Quando acho que o lugar está limpo o suficiente, devolvo o mop ao seu lugar na casa e coloco o cloro e a esponja na minha bolsa, a qual levo comigo até meu carro.



Após uma hora dirigindo com o corpo do traidor no meu bagageiro chego até o local onde a penúltima parte do plano deverá se concretizar.

O lago da cidade.

Graças ao que podemos chamar de destino, minha família possui uma cabana perto desse lago, onde eu cresci. Por esse motivo, quando eu tinha quinze anos, meu pai praticamente me obrigou a tirar uma licença de barco. Hoje vejo que, depois de anos me perguntando se um dia isso teria alguma serventia, a licença vai, finalmente, ser útil.

Ligo os faróis quando adentro a floresta que me levará até a cabana e ao lago. Após estacioná-lo, vou em direção à garagem para pegar o barco que meu pai costumava utilizar para pescar.

Faz um bom tempo que minha família não vem para essa cabana, e um tempo mais longo ainda que o barco não é utilizado. Sinto anos de pó e sujeira subirem ao meu nariz quando entro na garagem, espirro, porém, não perco tempo e olho ao meu redor até bater os olhos no barco de madeira marrom. Chego perto dele e percebo que está caindo aos pedaços, mas, sem dúvidas, está bom o suficiente para cumprir seu papel essa noite.

Arrasto o velho companheiro de pesca do meu pai até o chão diante do meu porta-malas e o abro este último. Mais uma vez nessa noite, uno todas as minhas forças para pegar o corpo, enrolado em lençóis, que está ali na minha frente. Após colocar o cadáver no barco, empurro-os alguns metros até chegar ao lago, então embarco e navego até o meio deste.

Desenrolo o corpo dos lençóis e assim, pelo que espero ser a terceira e última vez, uno minhas forças para empurrá-lo para fora do barco, em direção à água funda e escura que

perpassa meus olhos. Respiro fundo e empurro. Um, dois, três, quatro segundos, e ouço o barulho de algo caindo na água.

Ploft.

É o corpo dele. Do marido de Este. Do traidor. Do viúvo.

E agora do falecido ex-marido de Este Amih.

Observo por alguns minutos o corpo afundar enquanto penso.

Sem corpo, sem crime.



Parto, então, para a última fase desse plano bizarro que está prestes a se tornar um grande sucesso.

Depois de dirigir o barco de volta à costa, coloco-o no seu lugar e apanho os lençóis que antes enrolavam o cadáver. Antes de me retirar da garagem e começar a me livrar das outras evidências, pego uma pá e ando alguns metros floresta adentro. Começo a cavar.

Tchac.

Tchac.

Tchac.

Quando concluo que o buraco está fundo o suficiente, retiro do meu moletom as balas do revólver. Agarro-as e as jogo. Então, as enterro. Faço a mesma coisa com a arma em outro lugar do terreno.

Em seguida, volto até a SUV, apanho minha bolsa, e vou até a cabana. Tiro minhas roupas, desde as luvas até o moletom, as calças, a blusa e arremesso tudo na lareira, junto com a esponja, o cloro e os lençóis. No fim, acendo o fogo.

Ponho-me até a bolsa novamente para colocar minha muda de roupa reserva. Após me vestir, fico vendo o fogo queimar e transformar tudo em cinzas.

Junto dele, vejo o passado em chamas e penso *que bom que a amante dele fez uma grande apólice de seguro de vida.*

capítulo quatro

*They think she did, but they just
can't prove it.*

“Dois meses após o desaparecimento de Este Amih, a polícia foi informada do desaparecimento de seu marido. Porém, dessa vez, as autoridades possuem uma suspeita: a amante dele. Com a investigação, foi possível descobrir que a amante, agora viúva, receberia uma grande quantia de dinheiro da apólice de seguro de vida, o que poderia ser o motivo do crime. Ela também é a suspeita de ser a responsável pelo desaparecimento de Este.”

Sorrio amplamente, sentada no meu sofá, quando ouço a jornalista falar, o que me faz guiar meus olhos até a TV somente para ver o delegado da polícia explicando o que aparentemente aconteceu: a amante, agora suspeita e viúva, assassinou Este para ficar com o marido dela a fim de matá-lo logo após para receber a apólice. Suspiro com a sensação de missão cumprida aflorando pelo meu peito.

Afinal, eles acham que foi ela, mas não conseguem provar.

Sem corpo, sem crime.

capítulo cinco

She thinks I did it, but she just can't prove it.

— Eu sei que foi você. — Ouço a suspeita falar.

Algumas semanas após os fatídicos acontecimentos que movimentaram essa pacata cidade, dou de cara com a viúva na entrada do meu trabalho. Ou melhor: do nosso trabalho. Ela me chama para conversar na cantina do local.

— Eu? — levanto a sobrancelha enquanto tomo um gole do meu drink. — O que te faz pensar isso?

Agora é a vez dela de bebericar o seu drink. Ela toma tudo de uma vez, se levanta e vem até mim. Levando o lábio até o lado da minha cabeça.

— Você sabe muito bem do que eu tô falando, amante número dois. Devo dizer que sinto muito pela sua perda? — A mulher ruiva fala no pé do meu ouvido esquerdo e pisca um de seus olhos e logo depois sai desfilando até a saída.

Eu sorrio e termino de beber meu drink.

extra
*His mistress moved in
Sleeps in Este's bed and everything*

Tudo bem, você deve estar se perguntando se fui eu que matei Este assim como matei o marido dela. Talvez você fosse gostar de ouvir que sim, afinal, eu o matei, você me acompanhou nessa aventura. Mas lamento informar que não, eu não a matei. Vou explicar-lhes. Leia se quiser explicações, mas se quiser teorizar, sugiro que pare a leitura por aqui.

Eu e Este nos conhecemos em um evento da empresa. Empresa na qual eu trabalho e o marido de Este e sua *outra* amante também costumavam trabalhar. Eu e Este construímos uma ótima amizade, eu realmente gostava dela, mas, conforme eu me aproximava dela mais eu me aproximava dele. Sim, dele. Do marido dela.

Não sei bem quando a coisa entre nós começou, só sei que começou e quando fui ver eu já estava totalmente imersa nesse sentimento. Até o dia que ele me contou que tinha um plano: ele iria dar um jeito de se livrar de Este e ficar comigo.

Quando ele me contou isso, eu pensei muito. Um lado de mim queria impedi-lo, Este não merecia isso, mas o meu outro lado, esse lado louco por amor e tudo o que vem com esse sentimento, estava disposto a ver até onde ele iria. E foi esse lado que prevaleceu.

Admito que quando Este disse que queria conversar sério comigo, eu pensei que ela tinha descoberto e que iria me confrontar, mas então, ela falou que não tinha nada a ver comigo. É claro, ela seguiu dizendo que achava que o marido a traía, e como eu falei, eu não estava surpresa. Não mesmo, afinal, ele a traía *comigo*. No entanto, quando ela me falou do batom merlot e das joias, eu percebi que não era só comigo, já que eu não gosto de usar batom e não recebi nenhuma joia. No fim das contas, ele a traía comigo e com outra.

Naquela terça-feira que Este não apareceu no nosso encontro semanal no Olive Garden, eu soube que algo tinha acontecido, afinal, nos conhecíamos há meses e ela nunca tinha faltado uma vez, não sem antes me avisar. Tive essa confirmação quando fui ao trabalho dela e o segurança afirmou que não via ela há dias. Tive outra confirmação: a confirmação do caso dele com *outra*, além de mim, quando fui em sua casa aquele dia.

Tinha *outra* morando com ele. A ruiva que trabalhava com a gente.

No entanto, não era para ser ela.

Era para ser eu.

Eu que deveria estar se mudando para a casa dele.

Eu que deveria estar ganhando joias.

Eu que deveria receber uma alta apólice de seguro.

Nesse momento, eu percebi que ele tinha me enganado. Percebi que as fofocas da cidade de que ele tinha duas amantes eram verdadeiras e que a maior otária da história era eu.

Eu precisava fazer alguma coisa.

Então *eu fiz*.

agradecimentos



Para começar quero dizer que eu não pensei muito no que escrever aqui porque eu nunca achei que um dia chegaria até essa parte. Sei que é um livro curto, talvez nem possa ser chamado de livro, mas é uma história que eu coloquei tudo de mim e a primeira que não desisti de escrever. Então significa muito pra mim.

Em primeiro lugar, quero agradecer a Taylor por ter escrito o Folklore e o Evermore e por ser uma lyricista genial, ninguém está acima de você. Obrigada por todas as aventuras que você me forneceu todos esses anos através de sua música, que venham muitas outras.

Agradeço infinitamente ao meu cachorrinho, Spot. Você não está mais aqui para presenciar minha felicidade nesse momento, mas, a onde quer que você esteja, sei que você está me vendo. Obrigada por esses dezessete anos, eu te amo com todo meu coração e sinto sua falta todos os dias.

Um obrigada extremamente especial a minha amiga Rafaela que também ama a Taylor e os livros. Rafa, muito obrigada por comentar naquele post dizendo que eu deveria sim escrever um conto para essa música. E por surtar comigo cada vez que eu te contava uma ideia ou mandava um capítulo. Amo você.

Aos meus pais, meu irmão, minha cunhada e minha *sis*, Jéssica, que sempre disseram que eu podia escrever sim um

livro. Essa conquista também é de vocês. Amo vocês.

À minha psicóloga que me fez perceber que esse sonho não era bobo e que eu era capaz de alcançá-lo.

Obrigada Duda por ser a melhor amiga virtual de todos os tempos e por sempre apoiar minhas ideias de escrita. Espero poder abraçar você um dia, o Edward te mandou um beijo. Amo você.

Um obrigada a Dani do Twitter que me ajudou nesse processo dando ideias e julgando as minhas. Obrigada mesmo.

Também preciso agradecer a minha “equipe” que me ajudou nesse processo todo: minha capista Malle que fez essa capa incrível; a Carol do Twitter que se ofereceu para revisar o livro, obrigada de verdade amiga! Obrigada também pelas palavras que você me disse, elas estão guardadas no meu coração; meus leitores e leitoras beta Rafa, Sis, meu irmão, meu pai, Carol e Bia; e a Cora, que diagramou o livro e me ajudou muito com as suas threads sobre escrita e publicação! Vocês são incríveis!

E por último, mas não menos importante, obrigada a você, leitor, que por algum motivo decidiu abrir esse e-book. Obrigada de coração, espero que eu tenha feito você sentir alguma coisa.

Talvez vocês encontrem mais histórias minhas por aí, talvez baseada em outras músicas da Taylor, já que essa loirinha me inspira demais com as músicas dela, ou talvez por meio de uma história inventada por mim. Só o destino sabe, mas eu espero encontrar vocês de novo.

Que o futuro de todos vocês seja tão brilhante quanto a luz das estrelas.

Yas



NO BODY NO CRIME

Foi ele
Foi ele

Este é uma amiga minha
Nos encontramos toda terça a noite para jantar e tomar um
vinho
Este não têm dormido
O marido dela está agindo diferente, e cheira a infidelidade
Ela diz, "Aquele não é meu merlot na boca dele
Aqueles não são minhas jóias na nossa conta conjunta"
Não, não tem dúvida
Eu acho que eu vou confrontá-lo

Ela diz, "Eu acho que foi ele, mas eu só não consigo provar"
Eu acho que foi ele, mas eu só não consigo provar
Eu acho que foi ele, mas eu só não consigo provar
Não, sem corpo, sem crime
Mas eu não vou deixar pra lá até o dia que eu morrer

Não, não
Eu acho que foi ele
Não, não
Foi ele

Este não estava lá terça a noite no Olive Garden
Ou no trabalho ou em qualquer lugar
Ele registra sua esposa desaparecida
E eu percebi quando passei pela casa dele
A caminhonete dele tem uns pneus novinhos
E a amante se mudou com ele
Dorme na cama da Este e tudo mais
Não, não tem dúvida
Alguém tem que pegá-lo, porque

Eu acho que foi ele, mas eu só não consigo provar (Foi ele)
Eu acho que foi ele, mas eu só não consigo provar (Foi ele)
Eu acho que foi ele, mas eu só não consigo provar
Não, sem corpo, sem crime
Mas eu não vou deixar pra lá até o dia que eu morrer

Não, não
Eu acho que foi ele
Não, não
Foi ele

Que bom que papai me fez tirar licença de barco quando eu
tinha quinze anos
E eu limpei casas o suficiente
Pra saber encobrir uma cena
Que bom que a irmã da Este vai jurar que estava comigo
Ela estava comigo, cara
Que bom que a amante dele fez uma grande apólice de
seguro de vida

Eles acham que foi ela, mas eles só não conseguem provar
Eles acham que foi ela, mas eles só não conseguem provar
Ela acha que fui eu, mas ela só não consegue provar
Não, sem corpo, sem crime

Mas eu não iria deixar pra lá até o dia que ele

Não, sem corpo, sem crime

Mas eu não iria deixar pra lá até o dia que ele

Não, sem corpo, sem crime

Mas eu não iria deixar pra lá até o dia que ele morreu



Redes sociais da autora
Instagram pessoal: @yaskettermann
Instagram de livros: @leitoradodeserto
Skoob: @leitoradodeserto



Table of Contents

[epigraph](#)

[prologo](#)

[capitulo um](#)

[capitulo dois](#)

[capitulo tres](#)

[capitulo quatro](#)

[capitulo cinco](#)

[extra](#)